

Lúcia Miguel Pereira: a romancista crítica e a crítica romancista

Mestranda. Fabiana Lula Macedo (UFG)

RESUMO: *Lucia Miguel Pereira é um nome lembrado na crítica literária brasileira por seus estudos críticos e biográficos sobre Machado de Assis e Gonçalves Dias e, também, por seus estudos em história da literatura, especialmente Prosa de ficção. Porém, sua estréia na cena literária da década de 1930 não foi como ensaísta, mas como romancista, com a publicação de Maria Luísa em 1933. Depois deste livro, ainda escreveu mais três romances, sempre com uma perspectiva mais introspectiva e intimista. Acreditamos que estes romances não foram lidos com o devido cuidado e, talvez por isso, foram esquecidos pela grande maioria da crítica e do público. Nosso objetivo é analisar por que razão uma prestigiada autora de crítica literária não foi reconhecida como romancista de talento.*

Palavras chave: crítica – romance – sociedade – catolicismo – mulher

Introdução

Quando pensamos na literatura feita na década de 1930, logo nos lembramos de grandes escritores, tais quais Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Jorge Amado. Esses escritores foram responsáveis por um número considerável de romances que tiveram basicamente o mesmo rótulo: romance social ou proletário. Dessa maneira ficou registrada na nossa memória a idéia de que na década em questão a única coisa que se escrevia era um romance que tendia para a explicitação da realidade social. Uma prosa em que se mostrava um realismo muitas vezes ingênuo, e outras tantas crítico.

Na verdade a história da literatura tende a apresentar o período dessa forma. Os historiadores e críticos tradicionais, com base nas produções mais numerosas do momento julgaram a literatura desse período como uma literatura apenas social. Os livros eram tomados como bons ou ruins de acordo com o assunto que abordavam. Ser bom necessariamente seria ser engajado e interessado na realidade. Os escritores se dividiam conforme a posição ideológica que assumiam. Os de esquerda que eram preocupados em demonstrar apoio as classes sociais menos favorecidas, e os de direita em sua maioria católicos militantes. Com isto, muitos autores que não falavam necessariamente sobre os problemas sociais foram ignorados pela crítica e pelo público da época. Assim como também foram excluídos da história da literatura por não serem representativos das tendências principais que norteavam os outros escritores. Wilson Martins (1969) define este problema da história da literatura:

A História Literária, pelo menos como eu a entendo, é feita de exclusões e se define tanto pelo que recusa e ignora quanto pelo que aceita e consagra. Não há história sem crítica e sem espírito seletivo; estudar o passado, principalmente o passado literário, é compreendê-lo em sua natureza profunda, é descobrir-lhe um sentido e uma significação; ao mesmo tempo, a história li-

terária, como crítica, só encontra justificação enquanto existir conscientemente sob o signo de *qualidade*. (MARTINS, 1969, p. 9).

Para este autor então, o historiador deve ser seletivo, e aquilo que orienta a seletividade tem que ser definido pela qualidade, ou seja, aquilo que representa um critério de valor estético. No entanto, o conceito de qualidade varia de tempos em tempos. Cada época apresenta tendências que condicionam o julgamento do crítico diante dos textos que analisa. A percepção do fator estético pode então ser alterada por fatores culturais. É dessa maneira que Martins explica porque escolhe abordar em seu texto apenas alguns autores e obras que considera os mais importantes e representativos para o estudo sobre o modernismo.

Com isto, podemos dizer que assim como o autor citado anteriormente fez, também o faz grande parte da história da literatura tradicional ao deixar de lado todos os romances e romancistas que não se encaixavam rigidamente na literatura social que predominava como tendência principal da década de 1930. Nada impede, no entanto, que venhamos em socorro das obras esquecidas e dos autores pouco lembrados. O critério de seletividade é reducionista e embora tenha sido um ponto de vista válido, agora é preciso destacar que já não é o único que podemos seguir.

Luiz Bueno (2006) toma em sua obra *Uma história do romance de 30* um procedimento inverso ao de Wilson Martins. Enquanto este é seletivo demais, aquele escolhe ser pouco seletivo. É uma posição mais flexível do que aquela que procura apenas as tendências principais. Assim a abrangência do estudo é maior e é possível ver além do que a tradição nos impõe. Segundo Bueno:

O romance social ou proletário foi quantitativamente dominante na década, mas seu prestígio tende a diminuir a partir de um momento de auge em 1933. O romance psicológico, seu antagonista, ao contrário, foi menos numeroso, mas seu prestígio foi se consolidando com o correr dos anos (BUENO, 2006, p. 15).

Se assim acontece, não há motivo para a história da literatura virar as costas aos autores que contribuíram para que crescesse outra tendência que não a social. Essa tendência é chamada de psicológica e posteriormente será bastante valorizada, mas talvez não tivesse o mesmo alcance não fosse seus precursores da década de trinta.

Segundo Wilson Martins (1978), a intelectualidade brasileira nos anos trinta estava preocupada com a idéia da realidade social. A literatura se queria comprometida com os problemas enfrentados pelas camadas populares. Daí as diversas publicações no gênero do romance social. Outros autores e obras permaneceriam como literatura marginal, “assim como marginal permaneceria a literatura dita ‘psicológica’, inaugurada por Lúcia Miguel Pereira (1903-1959), com *Maria Luísa e Em surdina*.” (MARTINS, 1978, p. 554).

1 Lúcia Miguel Pereira: a crítica romancista

Aqui encontramos, depois de dado o contexto da época, a posição de Lúcia Miguel Pereira, a autora que pretendemos analisar. A escritora em questão foi a única voz feminina entre os críticos de literatura do início do século XX. Ela nasceu em Barbacena, Minas Gerais, em 12 de dezembro de 1901. Filha de um renomado médico, Miguel da Silva Pereira e de Maria Clara Tolentino Pereira. A família morava no Rio de Janeiro, mas tinha o costume de passar os verões fora da cidade. Num desses verões nasceu Lúcia Miguel, segunda filha de seis irmãos, que, apesar de mineira pelo nascimento, foi criada como uma autêntica carioca, tendo a sua educação se realizado no Rio, no externato do Colégio Notre Dame de Sion. Este colégio marcou profundamente sua formação católica.

Com a morte do pai e o casamento da irmã mais velha, coube a ela ajudar a mãe a educar os irmãos mais novos. De família conservadora, a estréia de Lúcia Miguel Pereira na vida literária foi um prolongamento dos tempos de colégio quando, junto a outras colegas, participou da revista *Elo* (1927-1929). Na época, tanto Lúcia era ligado ao Centro Dom Vital, e atuava como católica militante.

Seu primeiro livro é um romance, *Maria Luísa* (1933), que foi publicado por Augusto Frederico Schmidt, grande amigo da autora e também ligado ao Centro Dom Vital. Contudo, Lúcia Miguel Pereira não vai chamar a atenção como romancista. Naquele momento, logo após a Revolução de 30, são os romances nordestinos e os ensaios que falam da realidade brasileira que estão em voga. *Maria Luísa* é um romance que está mais voltado para a introspecção, por isso não é bem recebido pela crítica.

Depois de *Maria Luísa*, ainda publicou romances mais elaborados, mas dentro das linhas convencionais do primeiro, *Em Surdina* (1933), *Amanhecer* (1938) e *Cabra-Cega* (1954). Entretanto, é como ensaísta, historiadora e biógrafa que esta escritora ficou realmente conhecida. Sua grande obra que deixou o seu nome marcado nos estudos literários foi a biografia escrita sobre Machado de Assis de 1936. Com esta obra, *Machado de Assis: Estudo Crítico-biográfico*, a autora ganhou o prêmio Felipe de Oliveira. Além desta, escreveu *A vida de Gonçalves Dias* publicada em (1943) e ainda *História da literatura brasileira: Prosa de ficção* (de 1870 a 1920) cuja primeira edição saiu em 1950. Fora isso, contribuiu com assiduidade para revista e suplementos literários com artigos e ensaios sobre autores brasileiros e estrangeiros. Estes ensaios foram reunidos e publicados em dois volumes recentemente, *A leitora e seus personagens* (1992) e *Escritos da maturidade* (1994).

Em 1940, casou-se com Otávio Tarquínio de Sousa, editor da Revista do Brasil (de 1938 a 1943), para a qual Lúcia colaborava também com seus escritos. O casal morreu em 1959, voltando de São Paulo para o Rio de Janeiro num desastre aéreo. O fim trágico não apagou a importância desta autora no meio literário. Suas obras de pesquisa histórica e crítica são clássicos no gênero, e ainda guardam o seu valor. No entanto, como romancista é até hoje subestimada.

Como crítica da literatura Lúcia Miguel estava à par de todas as publicações feitas no período por seus contemporâneos, mesmo assim, conscientemente, decide nadar contra a corrente. Fazer literatura usando como recurso a análise psicológica o que talvez fosse influência de Machado de Assis, que era para ela o grande mestre na arte literária ainda não suplantado.

Em 1933, quando o romance proletário parecia ser a única forma possível de fazer literatura de ficção no Brasil, ela publicou dois romances que tinham protagonistas femininas vivendo grande crise em relação aos papéis pré-determinados que teriam que exercer vida afora: *Maria Luíza* e *Em surdina*. (BUENO, 2006, p. 303)

Como nota o autor de *Uma história do romance de 30*, Lúcia Miguel Pereira não se deixa intimidar pela moda, pelo exemplo que os outros escritores lhe dão. Escolhe falar sobre aquilo que ninguém fala: a situação da mulher em face da sociedade. Prefere também uma abordagem mais intimista voltada para o interior das personagens, cujas personalidades vão se alterando à medida que o enredo vai se desenvolvendo.

O romance social brasileiro colaborou para que se ampliassem as possibilidades temáticas e para que surgissem novas protagonistas. Além dos proletários, outros marginalizados subiram ao posto de herói de romance. No caso dos romances de Lúcia Miguel, a mulher surge como figura principal. Com isto, a romancista pode analisar a problemática questão feminina no Brasil da primeira metade do século XX.

Dentro da idéia de mergulhar nos problemas brasileiros, que era primordial na década de 30, descobriu-se que estes não eram só de ordem econômica, como luta de classe apenas. A figuração dos papéis destinados a mulher também se encontravam em crise. E, como romancista, Lúcia Miguel Pereira contribui para a discussão dando destaque em sua obra a essa questão.

2 Lúcia Miguel Pereira: a romancista crítica

Os três romances por ela escritos na década de trinta, *Maria Luísa* e *Em surdina* ambos de 1933, e *Amanhecer* de 1938 guardam semelhanças entre si. Os três possuem protagonistas mulheres. Essas protagonistas são acompanhadas desde a adolescência até a idade adulta. Parece ser intenção do narrador explicitar como se dá a passagem da inocência e da ingenuidade da menina para a consciência crítica da mulher adulta. Guardadas as diferenças entre as três protagonistas e na construção estética dos romances, as histórias giram sobre o mesmo assunto: a inadequação da mulher que não consegue preencher o papel social que lhe foi imposto.

Uma chave para se entender o romance *Maria Luísa* é dada pelo narrador em sua digressão sobre a infância. A história acompanha a protagonista desde a meninice com o objetivo de explicar-lhe o caráter. E observa que as crianças são satisfeitas com a vida que têm, porque aceitam sem duvidar o mundo que as cerca.

A infância é a idade das certezas absolutas. Talvez seja esse o único segredo da sua felicidade. Mais tarde, a distância entre o que é e que podia ser cava um abismo onde, não raro, se perde a tranquilidade. Mesmo a das existências mais calmas aparentemente. (p. 25).

A Maria Luísa da primeira parte não é a mesma da segunda parte. A certeza que tinha de si, a austeridade com que regia a casa, a rigidez na educação dos filhos, a superioridade que a destaca em relação ao marido; tudo isso cai por terra no momento em que fraqueja e se deixa seduzir por outro homem. O episódio de seu adultério revela a fragilidade que se escondia sob as aparências de frieza e bom comportamento. As certezas que tinha transformam-se em incertezas. Atormentada por

dúvidas, Maria Luísa começa a se libertar de sua longa infância, já que para Lúcia Miguel este período da vida termina quando começa a vacilar a noção do mundo estabelecida e o sujeito começa a hesitar e a comparar. Daí surge a infelicidade.

Maria Luísa sai da redoma de proteção que havia erguido em torno de si. Enquanto criança e adolescente, ela sabe exatamente como agir no seu meio familiar. Está protegida e é socialmente segura de seu papel. Nos primeiros anos do casamento continua a perseguir o objetivo de estar completamente em acordo com o que a sociedade espera dela. Quer cumprir o papel de esposa e mãe de forma exemplar. Continua presa a redoma das certezas absolutas, de uma certa forma a infância se prolonga para ela. Mas então, quando percebe a fraqueza em si e trai o marido sem ter motivos para isso, a redoma se quebra. Daí descobre a dúvida e a dificuldade de se encaixar novamente, com uma nova consciência de si mesma, na sociedade. Agora que ela é diferente, descobre que a sociedade não aceita o diferente.

Ser igual a todo mundo seria admitir que todos são maus e mentem para manter as aparências e para salvar seu eu social. O sofrimento, ela percebe, diminui em sociedade porque é possível vestir novamente sua velha personalidade: “Parecia ser boa, logo o era”. (p. 100). Escondia-se por traz das pessoas uma vida secreta que certamente não era melhor do que a dela. Por isso era necessário fingir diante dos outros. O fingimento mascara os problemas e a torna ela mesma de novo. Mas fingir para a sociedade era diferente de fingir para si mesma. Enganar os outros era fácil, mas já a si mesma não poderia. Contudo, “não se inquietava tanto, nem se desprezava, depois de descobrir que parecia virtuoso quem melhor sabia fingir”. (p. 101).

A passagem de um estado de infância (protegida e inconsciente) para a idade adulta (onde começam as dúvidas e os problemas) não se faz sem dor. A dor de se descobrir um ser marginal. Marginal porque não mais consegue ser a esposa perfeita, a mãe exemplar, não consegue se encaixar em nenhum dos papéis pré-determinados para ela. Maria Luísa torna-se então consciente de sua inadequação, ela é a impura, a imperfeita, o tipo de pessoa que sempre procurou evitar. Quando ainda não possuía a consciência era feliz, não tinha vida interior, não tinha dúvidas. Seu modo de ser austero a impedia de pensar sobre si mesma. Mas a partir do momento em que se altera a sua percepção sobre si, diferente também é a percepção que tem sobre o restante do mundo. Maria Luísa começa a refletir sobre sua relação com a realidade que a cerca e fica insatisfeita.

O mesmo acontece com Cecília de *Em surdina*. Enquanto filha amada de seu pai, órfã de mãe preenche perfeitamente o seu papel social. Ao sair da escola, moça nova, pretende Cecília abraçar a tarefa de ajudar o pai e a tia a cuidar da casa e dos irmãos mais novos. Mas duram pouco as suas certezas sobre a vida. Assim como em Maria Luísa, acontece para Cecília a perda das ilusões da infância e o crescimento se dá motivado pela dor. Sair da redoma da proteção em que a infância se resume e entrar na idade adulta é descobrir que não existem certezas.

As dificuldades enfrentadas por Cecília são de ordem diversa das de Maria Luísa. Enquanto esta se descobre imperfeita, distante do que seria aceito socialmente como uma mulher honesta, aquela tem a possibilidade de preencher seu lugar social através do casamento, mas não aceita. Logo no início do romance ela aparece recusando o pedido de Jorge. Sua alma ainda é infantil e seus sonhos de grandeza e de fazer coisas extraordinárias a impedem de admitir para si uma existência comum.

De Cecília esperam pai e irmãos que se case e crie uma família. Mas ela recusa seus pretendentes, deixando perplexos os seus. A posição de esposa embora seja cômoda não é o que a moça deseja para si. Cecília percebe a hipocrisia nos casamentos só por conveniência. Não quer ser como a irmã que vive um casamento sem amor, só pelas aparências.

O grande desejo da protagonista de *Em surdina* é ter um emprego e ver sua vida preenchida por obrigações e atividades que a levem a independência moral e financeira. Contudo a família se mostra contrária a essa situação. Seu pai chega a dizer que isto seria uma vergonha para ele, que as pessoas diriam que ele não consegue sustentar a própria casa. Mais uma vez temos uma mulher que não consegue encontrar o seu lugar.

O questionamento das posições reservadas para a mulher na sociedade é uma constante na obra literária de Lúcia Miguel Pereira. A autora cria histórias em que aparecem como um objetivo analisar outras possibilidades de figuração da mulher em relação à sociedade. No primeiro romance aqui analisado vemos uma mulher que a apesar de ser esposa, é uma esposa que falhou e cometeu adultério. Está longe da perfeição moral que se exige dela. No segundo, encontramos Cecília. Esta se recusa conscientemente a seguir os padrões sociais e não considera salvar-se da posição de tia solteirona através do casamento, embora tenha tido diversas oportunidades. É escolha dela se encontrar numa posição condenada pela sociedade que conhece. A romancista percebe que está diante de um momento em que a mulher precisa deixar de lado a infância, cheia de certezas, e encarar uma fase adulta que, embora perturbada pelas dúvidas, é o momento de tomar consciência de si. É momento de assumir a responsabilidade pela própria vida. Momento de transição entre o antigo e o novo modo de ver e de ser. Às mulheres ainda não é permitida a total liberdade de ação. Maria Luísa não pensa numa possibilidade de vida diferente da que tem. Cecília não pode trabalhar e ter uma vida emocional plena fora do casamento. Mas o modo de ser de antigamente também não é satisfatório. Então a reflexão sobre o novo papel que a mulher não se completa nesses dois romances.

No início da década de 1930 a discussão a que se prestam estes dois romances é a da alteração de alguns valores. Duas gerações se fazem extremamente diferentes. A geração anterior a primeira guerra mundial e a que vem logo posteriormente. Esta última demonstra ser uma geração de transição entre um modo de ser e de viver antigo, rígido, austero, como a primeira Maria Luísa e o pai de Cecília, e uma geração que dúvida de si e da sociedade que a cerca como a Maria Luísa da segunda parte e a própria Cecília. Uma geração da problemática por não saber ao certo como agir dentro de uma nova e indefinida situação.

Então entra em cena a solução possível proposta pelas personagens e pelo narrador: a religião. Maria Luísa se volta para Deus e encontra o perdão para o pecado que tanto a envergonhava. Passa a admitir que não existe mal absoluto e que o bem pode ser alcançado mesmo na imperfeição. Afinal todos são passíveis de erro. “Atire a primeira pedra quem nunca pecou”: a palavra religiosa traz o consolo que a personagem precisava para continuar a viver.

Cecília, apesar da formação em colégio católico, nunca foi devota. Porém, a pureza da personagem lembra a pureza que se exige das religiosas. O irmão desta chega a afirmar que ela havia desperdiçado uma grande vocação para irmã de caridade. A vida de Cecília não incluiu a religião enquanto ato solene, mas foi toda ela bondade, generosidade e dedicação a família. Dessa maneira, a personagem possui as qualidades que se espera dos praticantes da religião cristã. Talvez por isso o narrador insista no último capítulo em uma citação de Rainer Maria Rilke que remete a falta do elemento divino: “Penso que não se pode nunca saber se Deus entra numa história antes dela estar de todo acabada. Mesmo se só faltarem duas palavras mesmo que não houver nada senão a pausa que segue às últimas sílabas do conto, Ele pode sempre chegar ainda.” (p. 266). Percebe-se com isto que a romancista era filiada a corrente ideológica católica que era contrária a corrente social.

Nestes dois primeiros romances a solução religiosa impediu a plena realização de seu intento. As personagens Maria Luísa e Cecília de certa forma rompem com ideal feminino esperado

pela sociedade, mas ainda assim estão presas as convenções de forma irremediável. O casamento infeliz que leva Maria Luísa ao adultério não se desfaz. É uma instituição inabalável no romance de 1933. Assim como, a pobre Cecília não encontra sua libertação no plano social, apenas no plano das idéias. Ela acredita no direito das mulheres de se libertarem da tirania da sociedade machista em questões tais como a financeira e a sexual. Porém não realizou isso de fato, permaneceu apenas enquanto pensamento, não se materializou em sua realidade.

Já em *Amanhecer*, que é de 1938, encontramos uma nova maneira de se encarar a inadequação social da mulher. A solução religiosa não se apresenta de forma salvadora nem para Aparecida, a protagonista, nem para Sônia, personagem que muitas vezes aparece como um contraponto a personagem principal. A primeira coisa que notamos nesse romance é a evolução da escritora enquanto romancista. É o primeiro romance que ela escreve em primeira pessoa, ou seja, o narrador aqui é a personagem principal. Talvez por esse motivo as sondagens psicológicas neste livro sejam bem mais profundas. Aparecida é vista em todas as suas ambigüidades o que a torna muito mais complexa do que as outras personagens protagonistas de *Em Surdina* e *Maria Luísa*.

Ao começo da narrativa, Maria Aparecida é ainda uma adolescente sonhadora e romântica que se sente em desacordo com ambiente no qual vive. Ela mora com os pais em São José, uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro, numa casa modesta e aquém do que deseja para si. Em pequena estudou numa escola particular onde sua tia Josefina, freira, trabalhava. Com isto, pode receber uma boa educação e conviver com meninas ricas. Isso a distanciou dos pais e aguçou os seus sonhos de grandeza.

Por influência da tia, Aparecida pretendia ganhar a vida com o seu próprio trabalho. Mas, enquanto aquela imaginava a sobrinha professora em São José, esta queria alçar vãos maiores e se empregar como datilógrafa no Rio de Janeiro. Os horizontes apertados da roça nunca atraíram as atenções de Maria Aparecida. No entanto, seus planos não agradaram aos pais, por motivos diferentes. O pai não queria que as pessoas pensassem que ele não podia sustentar a filha, e a mãe achava que o trabalho era sinônimo de perdição.

Daí, presa ao ambiente acanhado, cercada de relações para lá de modestas, sua única diversão era a Casa Verde, a chácara em frente a sua. Residência de um homem rico onde havia acontecido uma tragédia anos antes: o suicídio da esposa deste. Essa história trágica alimentava os sonhos da garota, até que um dia a casa foi alugada para uma família da capital. A partir disso a vida de Aparecida ganhou outro rumo.

A Casa Verde vem a ser habitada por pessoas que mudam a relação de Aparecida com o mundo. Uma garota mais ou menos da mesma idade, Sônia, torna-se a sua melhor amiga. Sônia ao contrário de Aparecida tem uma vida muito mais liberal. Seus pais a retiram do Rio de Janeiro devido ao comportamento um tanto indecoroso da filha. Ao entrar em contato, Sônia e Aparecida, jovens tão diferentes, começam as duas a mudar. Aparecida, aos poucos, por invejar a vida da amiga passa a se afastar dos sonhos românticos que alimentava antes. Por outro lado, Sônia também começa a alterar o seu modo de ser deixando a vida agitada e aquietando-se mais.

O crescimento das duas se dá em direções opostas. Enquanto uma sai de si mesmo para o mundo, a outra sai do mundo para retornar si mesma. Essas mudanças em princípio são discretas e só serão realmente notadas com a chegada de Antônio. O primo de Sônia serve como um catalisador na alteração do comportamento das duas personagens. Ele é o primeiro homem com quem Aparecida tem um contato direto e a quem se dá sem reservas tanto de corpo como em espírito. Antônio como que serve de professor para ambas as garotas. E ele é de fato professor de Aparecida. Faz com ela leia livros e discute com a menina as idéias neles contida. Antônio também ensina Aparecida a valorizar o trabalho como fonte de libertação.

Porém a libertação de Sônia vai se dar em outra direção. Antônio ensina a ela o valor da caridade e ridiculariza seus antigos amigos. Mas não é só isso que altera a percepção da personagem sobre a vida. A moça faz um aborto e por isso quase morre. A proximidade com a morte faz com que Sônia tenha arroubos místicos, ela sente que recebeu um chamado de Deus para o serviço religioso. Mas isso, no fim acaba não sendo a felicidade. Com sua vida mundana, Sônia não encontrou um lugar adequado dentro da sociedade, por isso seus pais zelosos dos bons costumes a retiraram de seu meio. Em São José, seu comportamento libertino angariou comentários maldosos e quase lhe valeu um estupro. Por essa razão, ela achou que a vida religiosa traria de volta a paz e os seus pecados seriam perdoados. Mas na prática, Aparecida nota que o intento de Sônia não foi de todo alcançado. Ela continua infeliz.

A personagem principal toma o caminho oposto ao de Sônia. Se antes era religiosa e devota de Nossa Senhora Aparecida, passa a duvidar da existência de Deus. E, mesmo assim, liberando-se de sua antiga forma de ser e de ver o mundo, Aparecida não conseguiu a almejada felicidade. Ela realizou o seu desejo e mudou-se de São José para o Rio de Janeiro. Passou a ganhar a vida através de seu próprio trabalho. Alargou seus horizontes acanhados, portanto. Mas isso não fez com que preenchesse o seu lugar social de forma adequada. Seu relacionamento com Antônio nunca se oficializou. O rapaz não quis casar-se e dar o *status* de esposa para ela. Isto fez da narradora uma pessoa a margem da sociedade. Sendo uma criatura marginalizada não conseguiu realizar-se plenamente como mulher independente. Ao contrário ela reafirma sua condição de escrava, porque mesmo Antônio não sendo seu marido está presa a ele por uma relação de servidão.

De novo, Lúcia Miguel Pereira nos apresenta uma mulher falhada. Que não conseguiu realizar-se nem como filha, nem como esposa e muito menos como mãe. Neste caso, ao insistir nesse tipo de personagem que se mostra inadequada quanto a sua figuração dentro da sociedade, a autora parece estar mandando um recado. O período em que vivem romancistas e personagens é de transição. A mulher não parece contente com o que o destino reserva para ela (ser esposa e mãe), contudo ainda não há lugar na sociedade para o qual possam seguir essas inconformadas. E a situação marginal que se repetem nos romances aqui comentados parece ser testemunho do momento vivido pela autora.

Conclusão:

Lúcia Miguel Pereira teve seu lugar marcado na história da literatura brasileira como uma ensaísta de grande sucesso nos idos de 1930. É sempre lembrada pelos estudos feitos sobre a literatura de 30, porque lucidamente leu e resenhou diversos autores seus contemporâneos. Mesmo no “calor da hora” pôde perceber as falhas e as qualidades de autores tais quais Jorge Amado (com quem, aliás, polemizava através dos jornais), Graciliano Ramos, José Lins do Rego, dentre outros. Além disso, é reconhecida como a melhor biógrafa de Machado de Assis. O reconhecimento obtido como voz feminina na crítica literária acabou abafando o seu lado romancista. Porém, é possível perceber que o mesmo “projeto ideológico” (termo emprestado de Lafetá, 2000) que move a sua crítica é aquela que realiza em seus romances.

Observamos que a autora católica, e, por isso, contrária a linha ideológica que defendia apenas a luta social de classes, vem em seus romances demonstrar que era possível escrever bons livros que não tivessem como tema as misérias sociais, mas sim a complexidade da psicologia humana. Cristina Ferreira Pinto (1990) afirma que o interesse de Lúcia Miguel é apresentar a

discussão sobre a emancipação feminina e, para isso, utiliza-se do romance de formação acompanhado o crescimento de suas personagens em direção a essa meta. Obviamente por ser um período de transição o objetivo das personagens não se realiza, pois elas não conseguem libertar-se da dependência e da passividade. Contudo, o fato de a romancista estar propondo este tema já demonstra a situação de mudança de perspectiva em relação à posição social da mulher que acontecia nas primeiras décadas do século XX. São romances que dão testemunho do que as mulheres do período estavam passando para conseguir redefinir o seu lugar dentro de uma sociedade patriarcal que já não mais as satisfaziam.

Referências Bibliográficas

BUENO, *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MARTINS, Wilson. *O modernismo (1916 – 1945)*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1977 – 1978.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Ficção Reunida*. Curitiba: Ed. Da UFRP, 2006.

PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990.